REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

DIAGNÓSTICO TARDIO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM MULHERES ADULTAS: VIVÊNCIAS FAMILIARES NA CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS NO PROCESSO DE ENFRENTAMENTO

LATE DIAGNOSIS OF AUTISM SPECTRUM DISORDER IN ADULT WOMEN: FAMILY EXPERIENCES IN THE CONSTRUCTION OF BONDS IN THE COPING PROCESS

Ciências Humanas, Ciências da Saúde • 15/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794541164

Anny Karoliny Ribeiro Brito[1]

Amanda Jennyfer Coelho Costa[2]

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) na vida adulta tem recebido maior atenção, especialmente em relação às mulheres que obtêm o diagnóstico tardiamente, após anos sem o reconhecimento de suas características. Nesse contexto, a camuflagem social (*masking*), utilizada como estratégia de adaptação às expectativas sociais, pode estar associada a custos emocionais, como estresse, fadiga social e dificuldades na compreensão de si. Considerando a necessidade de ampliar a compreensão sobre essas experiências, o presente estudo aborda o diagnóstico tardio do TEA em mulheres adultas e as relações familiares no processo de enfrentamento após o diagnóstico. O objetivo geral consiste em compreender essas vivências, considerando a influência dos vínculos familiares no processo de enfrentamento e ressignificação. Para alcançá-lo, buscou-se compreender as experiências vivenciadas por essas mulheres após o diagnóstico, identificar de que maneira os vínculos familiares podem contribuir ou dificultar o enfrentamento e analisar os significados atribuídos às próprias trajetórias. Realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, com caráter bibliográfico e método dedutivo, mediante levantamento e análise de produções científicas publicadas entre 2012 e 2026, complementadas por obras clássicas relacionadas à temática. As buscas foram realizadas nas bases de dados Google Acadêmico, SciELO, PePSIC e PubMed, utilizando descritores relacionados ao Transtorno do Espectro Autista, ao diagnóstico tardio, às mulheres adultas, à camuflagem social e às relações familiares. Os resultados da literatura analisada apontam que o reconhecimento tardio pode favorecer a compreensão de experiências anteriores e a ressignificação da trajetória pessoal. Evidenciou-se também a importância do acolhimento e da compreensão familiar no processo de enfrentamento, enquanto a incompreensão e a falta de apoio

podem dificultá-lo. Concluiu-se que compreender essas vivências exige considerar não apenas as particularidades do transtorno, mas também as trajetórias pessoais, os vínculos familiares e os significados atribuídos às próprias experiências.
Palavras-chave: Diagnóstico tardio; Mulheres adultas; Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) in adulthood has received increasing attention, particularly regarding women who receive a diagnosis later in life, after years without recognition of their characteristics. In this context, social camouflaging (*masking*), used as a strategy to adapt to social expectations, may be associated with emotional costs, such as stress, social fatigue, and difficulties in self-understanding. Considering the need to broaden the understanding of these experiences, this study addresses the late diagnosis of ASD in adult women and family relationships in the process of coping after diagnosis. The general objective is to understand these experiences, considering the influence of family bonds on the processes of coping and reframing. To achieve this, the study sought to understand the experiences of these women following diagnosis, identify how family relationships may contribute to or hinder coping, and analyze the meanings attributed to their own life trajectories. This is a qualitative study, with a bibliographic approach and a deductive method, based on the collection and analysis of scientific publications from 2012 to 2026, supplemented by classical works related to the subject. Searches were conducted in the Google Scholar, SciELO, PePSIC, and PubMed databases, using descriptors related to Autism Spectrum Disorder, late diagnosis, adult women, social camouflaging, and family relationships. The findings in the literature indicate that late recognition may promote a better

understanding of previous experiences and the reframing of personal life trajectories. The importance of family acceptance and understanding in the coping process was also highlighted, whereas misunderstanding and lack of support may hinder it. It was concluded that understanding these experiences requires considering not only the specific characteristics of the disorder but also personal trajectories, family bonds, and the meanings attributed to one's own experiences.
Keywords: Late Diagnosis; Adult Women; Autism Spectrum Disorder.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento complexa e heterogênea, que pode se manifestar de diferentes maneiras em indivíduos de distintas origens étnicas, raciais e socioeconômicas (Griesi-Oliveira; Sertié, 2017). De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR), o TEA caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação e na interação social em diferentes contextos, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2023). Por se tratar de um espectro, suas manifestações apresentam variações individuais, o que exige uma compreensão que considere as particularidades de cada pessoa.

A temática da neurodiversidade vem ganhando espaço no campo da Psicologia, especialmente diante da ampliação das discussões sobre o diagnóstico e as experiências de pessoas autistas ao longo da vida. Entretanto, o autismo na vida adulta ainda representa um campo que necessita de maior aprofundamento científico,

sobretudo no que diz respeito às experiências de mulheres que recebem o diagnóstico tardiamente. Dantas e Marques (2024) destacam que a avaliação diagnóstica do TEA em mulheres apresenta desafios específicos, principalmente em razão das particularidades do fenótipo feminino e das dificuldades de identificação de determinadas características clínicas.

Historicamente, grande parte das pesquisas sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) concentrou-se no público masculino, contribuindo para lacunas no conhecimento acerca das manifestações do transtorno em mulheres (Kok et al., 2016; Lai; Baron-Cohen; Buxbaum, 2015). Nesse contexto, mulheres autistas podem desenvolver estratégias de camuflagem social (*masking*), caracterizadas pela tentativa de ocultar determinadas características e reproduzir comportamentos socialmente esperados, buscando facilitar sua adaptação às interações sociais. Lai, Baron-Cohen e Buxbaum (2015) destacam que a subidentificação de mulheres autistas está relacionada ao viés de gênero presente na compreensão e no reconhecimento do transtorno, podendo contribuir para o diagnóstico tardio.

Em razão dessas particularidades, o reconhecimento do TEA em mulheres pode ocorrer somente na vida adulta ou ser precedido pela identificação de outras condições de saúde mental. Entre as condições que podem estar associadas a esse percurso diagnóstico estão os transtornos de ansiedade, os transtornos do humor e o transtorno obsessivo-compulsivo (Lacroix et al., 2026). DaWalt et al. (2021), ao analisarem uma amostra de 446 adultos diagnosticados com TEA, sendo 155 mulheres e 291 homens, identificaram diferenças nas manifestações comportamentais entre os grupos. As mulheres apresentaram menor frequência de problemas

comportamentais, como agressividade, comportamento autolesivo e comportamento disruptivo, em comparação aos homens.

Além das particularidades relacionadas ao diagnóstico, as experiências familiares e os vínculos afetivos constituem aspectos importantes para compreender as trajetórias das mulheres adultas com TEA. As relações estabelecidas no ambiente familiar, desde a infância, podem participar dos processos de desenvolvimento emocional, social e de aprendizagem, influenciando as formas de interação e construção dos vínculos ao longo da vida. Nessa perspectiva, Marquez (2024) destaca a importância das relações afetivas e familiares para a compreensão do desenvolvimento emocional e sociocognitivo do indivíduo.

O diagnóstico tardio pode provocar diferentes repercussões na vida da mulher, envolvendo não apenas o reconhecimento de suas características, mas também a ressignificação de experiências anteriores, das relações familiares e dos vínculos afetivos construídos ao longo de sua trajetória. Nesse processo, o apoio familiar assume relevância, uma vez que o acolhimento e a compreensão podem contribuir para o enfrentamento das mudanças e das novas interpretações sobre a própria história. Caparroz e Soldera (2022) compreendem esse processo como um movimento de ressignificação, no qual a família precisa reconstruir e adaptar sua rotina diante das demandas específicas relacionadas ao transtorno, considerando experiências que podem ter se iniciado ainda na infância e se estendido até a vida adulta.

A temática fundamenta-se na necessidade de ampliar as discussões científicas sobre as experiências de mulheres adultas com TEA, especialmente aquelas que recebem o diagnóstico tardiamente. A

relevância do estudo está relacionada à possibilidade de compreender aspectos que ultrapassam as características clínicas do transtorno, considerando as experiências familiares, os vínculos afetivos, os processos de acolhimento, a aceitação e as formas de enfrentamento vivenciadas por essas mulheres. Além disso, a pesquisa poderá contribuir para reflexões no campo da Psicologia, favorecendo uma compreensão mais abrangente das experiências subjetivas e relacionais que atravessam suas trajetórias.

Diante desse contexto, estabelece-se como problema de pesquisa a seguinte questão norteadora: como o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista repercute nas experiências familiares e nos vínculos afetivos de mulheres adultas com TEA?

O objetivo geral consiste em compreender as experiências familiares e os vínculos afetivos de mulheres adultas com Transtorno do Espectro Autista que receberam o diagnóstico tardiamente. Como objetivos específicos, busca-se: identificar as particularidades do diagnóstico tardio do TEA em mulheres adultas; analisar as possíveis repercussões do diagnóstico nas relações familiares e nos vínculos afetivos; e compreender os processos de acolhimento, aceitação, ressignificação e enfrentamento relacionados à descoberta diagnóstica.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida por meio do método dedutivo, partindo de conceitos gerais relacionados ao Transtorno do Espectro Autista, ao diagnóstico na vida adulta, às especificidades das manifestações do TEA em mulheres e às relações familiares, para compreender as experiências de mulheres adultas diagnosticadas tardiamente, conforme apresentadas na literatura científica. Trata-se de uma

pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada na análise de produções científicas relacionadas à temática. A investigação busca reunir e discutir conhecimentos já publicados, considerando os aspectos conceituais e as contribuições dos autores para a compreensão do fenômeno estudado. A análise concentra-se nas relações entre o diagnóstico tardio, as experiências familiares e os vínculos afetivos, buscando identificar aproximações, particularidades e contribuições presentes nos estudos selecionados.

A pesquisa está condicionada à disponibilidade e à abrangência das produções científicas encontradas, podendo apresentar limitações quanto à quantidade de estudos específicos sobre mulheres adultas com TEA e suas experiências familiares e afetivas. Além disso, a diversidade das manifestações do espectro e das trajetórias individuais dificulta a generalização das experiências analisadas. Nesse sentido, propõe-se que novas pesquisas aprofundem a temática, especialmente por meio de estudos que contemplem os relatos e as vivências de mulheres adultas diagnosticadas tardiamente, contribuindo para ampliar o conhecimento científico e fortalecer práticas de acolhimento e acompanhamento psicológico e familiar.

2. AUTISMO NA VIDA ADULTA

2.1. Diagnostico Tardio em Mulheres com TEA na Vida Adulta

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social em diferentes contextos, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento,

interesses ou atividades. Essas características, conforme descritas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição – Texto Revisado (DSM-5-TR), podem se manifestar de diferentes formas e apresentar níveis variados de necessidade de suporte (APA, 2023).

Nos últimos anos, o crescimento de estudos e pesquisas sobre o tema tem sido acompanhado por um aumento significativo na taxa de diagnósticos de TEA, possibilitando que mais pessoas com diagnóstico de autismo tenham acesso a tratamento e suporte adequados (Teodoro; Santos, 2025). Entretanto, apesar desses avanços, ainda existem dificuldades relacionadas ao reconhecimento das características do transtorno em determinados grupos, especialmente entre as mulheres adultas.

Nesse contexto, os estudos sobre o processo de diagnóstico tardio de adultos com TEA apontam dificuldades específicas enfrentadas pelo público feminino para obter um diagnóstico correto. Segundo Teodoro e Santos (2025), as mulheres podem receber diagnósticos equivocados ou ser diagnosticadas tardiamente em comparação ao público masculino. Essa diferença pode estar relacionada às características da manifestação do transtorno no público feminino, bem como aos critérios utilizados durante o processo de avaliação diagnóstica.

Entre os fatores que podem contribuir para essa dificuldade, destaca-se o uso do *masking* (camuflagem social), que consiste em estratégias utilizadas por pessoas autistas para adaptar ou disfarçar características comportamentais em situações sociais. No caso das mulheres adultas, a avaliação diagnóstica pode ser influenciada pela utilização de critérios baseados em apresentações

predominantemente masculinas e pela menor identificação de determinadas características do transtorno (Milner et al., 2019; Menezes, 2020; Geelhand et al., 2019).

A esse respeito, segundo o site Autismo e Realidade (2025), o *masking* é definido como "uma estratégia em que a pessoa autista ajusta ou disfarça suas características em interações sociais, geralmente como resposta à pressão para se adequar a padrões considerados típicos". Essa prática permite compreender como algumas mulheres podem ocultar características associadas ao autismo na tentativa de corresponder às expectativas sociais, o que pode dificultar o reconhecimento de suas particularidades durante a avaliação diagnóstica.

Teodoro e Santos (2025) abordam a existência de um fenótipo feminino do TEA. Esse fenótipo descreve comportamentos particulares em mulheres autistas, como a menor externalização de movimentos repetitivos e o aumento da vulnerabilidade à internalização de distúrbios. De acordo com essa perspectiva, tais características podem contribuir para que as mulheres apresentem maior tendência a mascarar comportamentos e sintomas do autismo, buscando uma melhor adaptação às situações sociais.

Além dos fatores relacionados à manifestação do transtorno e à camuflagem social, as condições socioeconômicas também podem influenciar o acesso ao diagnóstico e ao tratamento. Teodoro e Santos (2025) destacam a disparidade econômica como um fator que contribui para o diagnóstico tardio do autismo em mulheres. As diferenças socioeconômicas podem interferir na identificação do transtorno, uma vez que famílias com maior estabilidade financeira tendem a dispor de mais recursos para acessar serviços

especializados, enquanto aquelas com menor renda podem enfrentar dificuldades para buscar avaliação e tratamento adequados em tempo oportuno.

2.2. Acolhimento Familiar e Processo de Aceitação do Diagnóstico

A descoberta de um diagnóstico na fase adulta causa um grande impacto no contexto familiar, pois a chegada do diagnóstico pode mudar a vivência e o olhar da família em relação aos comportamentos que precisarão ser adaptados, incluindo o estilo de vida de todos aqueles que compõem o contexto familiar do indivíduo com TEA. Kanner (1943), em sua obra, afirmou que, para ele, a convivência e a adaptação da pessoa com TEA no contexto familiar estão relacionadas ao afeto. Para Kanner (1943), as emoções têm um papel fundamental na história evolutiva do ser humano.

Caparroz e Soldera (2022) compreendem esse processo como um movimento de ressignificação, no qual a família precisa reconstruir e adaptar sua rotina diante das demandas específicas que surgem ainda na infância e que podem se estender até a fase adulta, afetando todo o contexto no qual aquele indivíduo será inserido em suas vivências, sejam elas na escola, no trabalho, nos relacionamentos afetivos, no âmbito religioso e até mesmo na maneira de olhar para si e perceber sua real importância.

> *Uma das necessidades mais essenciais do ser humano é o afeto e o respeito de seus semelhantes e, na medida em que ele desenvolve suas experiências, apercebe-se que a melhor forma de conquistar esse afeto e respeito é, justamente, comportar-se de forma razoável e socialmente responsável; nesse estado, o ser humano se expressa e se comporta de modo responsável e maduro, mas também de acordo com as suas descobertas pessoais sobre as melhores formas de conquistar e manter o afeto daqueles a quem ama ou com quem convive, descobertas essas possíveis diante de elementos (relações, substancialmente) que as permitam (Rogers e Kinget, 1975, p. 12).*

Os autores trazem consigo o entendimento de que as experiências vivenciadas pelo indivíduo dentro do ambiente familiar têm a capacidade não apenas de modelar o comportamento, mas também de estabelecer e solidificar o ser humano, tornando-o um ser com autonomia. Em parte, a construção dessa autonomia está interligada aos fatores de percepção de mulheres com TEA no seu cotidiano. Dantas e Marques (2024), afirmam existir uma grande lacuna em relação à avaliação clínica, no que diz respeito a instrumentos neuropsicológicos específicos que considerem o fenótipo feminino do TEA.

Estudos apropriados para um público focal são necessários para que, além de fatores de pesquisa e exploratórios, a sociedade alcance informações e consiga um tratamento adequado para a demanda apresentada. Nesse sentido, Dantas e Marques (2024) ressaltam a importância de instrumentos de avaliação neuropsicológica que contemplem as particularidades do fenótipo feminino do TEA. Entre os aspectos que podem ser considerados nesse processo estão as

habilidades de inferir intenções, emoções e pensamentos de outras pessoas em contextos sociais complexos, além de aspectos relacionados à regulação emocional e à tolerância ao estresse.

2.3. Os Desafios de Mulheres Adultas com TEA em Ambientes Sociais

Grande parte das pesquisas sobre o Transtorno do Espectro Autista concentra-se na infância, o que evidencia a necessidade de ampliar os estudos voltados à população adulta. Nesse contexto, torna-se importante compreender as experiências de pessoas que recebem o diagnóstico tardiamente, considerando os desafios relacionados às interações sociais, à autonomia e à construção de vínculos afetivos ao longo da vida (Dantas; Marques, 2024). Estudos realizados por Howlin e Moss (2012) afirmam que adultos com TEA podem enfrentar uma série de desafios, incluindo dificuldades para encontrar emprego, fazer amigos e manter relacionamentos saudáveis.

O TEA na fase adulta apresenta características que podem diferir daquelas observadas na infância. Em uma série de estudos abordados por Catani *et al.* (2016), demonstra-se como a patogênese em adultos com TEA pode diferir das manifestações observadas em crianças. Com a utilização de exames de ressonância magnética, os pesquisadores observaram alterações nas conexões cerebrais de adultos com TEA, especialmente nas redes frontais responsáveis pela cognição social e pela tomada de decisões. Os autores afirmam que essas alterações nas redes frontais podem contribuir para as dificuldades nas relações sociais e na comunicação desses indivíduos (Catani *et al.*, 2016).

As vivências da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), desde a infância até a vida adulta, são influenciadas pelo ambiente familiar. Nesse contexto, é importante compreender que o acompanhamento realizado pela equipe multiprofissional também deve contemplar os familiares e cuidadores. Colomé, Dantas e Zappe (2023) destacam a importância das redes de apoio social na vivência das mães de pessoas com TEA, evidenciando a relevância do acolhimento e do suporte oferecido às famílias. Assim, a atenção aos cuidadores torna-se fundamental para fortalecer as relações familiares, favorecer o enfrentamento das dificuldades cotidianas e contribuir para um ambiente mais acolhedor ao desenvolvimento da pessoa com TEA.

Ao abordar o contexto comportamental, são identificadas diferenças de gênero no que diz respeito ao fenótipo feminino do TEA na fase adulta. Estudos apontam que mulheres com TEA tendem a apresentar habilidades sociais camufladas, o que significa que podem imitar comportamentos sociais, reproduzir normas e ocultar suas dificuldades (Bargiela *et al.*, 2016). Quando esses fatores são relacionados aos ambientes sociais, observa-se a necessidade de investigação sobre o bem-estar psíquico dessas mulheres e sobre o quanto a rede de apoio pode contribuir para o processo de enfrentamento e para a construção de relações internas e externas relacionadas ao meio social em que estão inseridas.

Em síntese, compreende-se que o TEA não afeta apenas o adulto diagnosticado, mas também todo o núcleo familiar, exigindo um processo contínuo de aprendizado, adaptação e resiliência (Meneis; Lima, 2025). Nesse cenário, o ambiente familiar pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia social da pessoa com TEA, uma vez que as experiências vivenciadas nesse contexto auxiliam na

aprendizagem de habilidades sociais e no enfrentamento das situações cotidianas, mesmo diante das limitações e dos desafios existentes.

Diante desse cenário, torna-se cada vez mais necessária a realização de estudos voltados à compreensão das vivências de pessoas com Transtorno do Espectro Autista ao longo de seu desenvolvimento, especialmente na transição da infância para a vida adulta. Essa investigação permite ampliar o conhecimento sobre os desafios enfrentados por esse público, considerando suas experiências sociais, familiares e afetivas. Observar a realidade familiar de outras pessoas sem reconhecer as próprias conquistas e os avanços alcançados no próprio contexto pode contribuir para a desvalorização das experiências individuais. Portanto, reconhecer o crescimento espontâneo e respeitar as particularidades de cada trajetória são aspectos importantes para compreender que as relações e as construções familiares se desenvolvem de maneira singular (Horta; Moore, 2026).

3. CONSIDERAÇÕES E RESULTADOS

A análise realizada neste estudo permitiu compreender que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) não se restringe à infância, manifestando-se também na adolescência e na vida adulta. Nesse contexto, o diagnóstico tardio em mulheres representa uma questão relevante, considerando que determinadas características do espectro podem não ser reconhecidas precocemente, contribuindo para o adiamento da identificação e do acompanhamento adequado.

No que se refere às características diagnósticas, a análise comparativa entre os públicos masculino e feminino evidenciou a importância de considerar as particularidades das manifestações do TEA em mulheres. Dessa forma, o processo diagnóstico não deve se limitar à identificação de características comportamentais tradicionalmente associadas ao transtorno, mas precisa contemplar as experiências individuais, as estratégias de camuflagem social e as demandas específicas de cada pessoa.

Os aspectos discutidos também apontam para a importância do contexto familiar no processo de compreensão e enfrentamento do diagnóstico. O apoio da família, associado ao acesso à informação e ao acompanhamento de uma equipe multidisciplinar, pode contribuir para o reconhecimento das necessidades da mulher adulta com TEA, favorecendo sua autonomia, qualidade de vida e participação nas relações sociais e afetivas.

Além disso, compreende-se que o diagnóstico tardio pode estar associado a diferentes desafios emocionais e sociais, especialmente quando a pessoa vivencia dificuldades sem compreender as razões de suas experiências e necessidades. Nesse sentido, o acolhimento, a escuta qualificada e o acompanhamento profissional são fundamentais para que a mulher possa compreender sua trajetória para além do diagnóstico, reconhecendo suas vivências, conquistas, potencialidades e particularidades.

Diante disso, considera-se que a ampliação do conhecimento sobre o TEA em mulheres adultas é necessária tanto para a qualificação dos profissionais de saúde quanto para a conscientização da sociedade. O acesso à informação, a identificação das particularidades do espectro e a oferta de acompanhamento

adequado constituem aspectos importantes para reduzir barreiras ao diagnóstico e fortalecer a atenção integral a esse público.

Por fim, destaca-se a necessidade de ampliar as pesquisas sobre o diagnóstico tardio do TEA em mulheres adultas, especialmente no que se refere às repercussões emocionais, às relações familiares e afetivas e ao acesso aos serviços de saúde. Espera-se que este estudo contribua para o aprofundamento das discussões sobre a temática e para o desenvolvimento de práticas profissionais mais sensíveis às necessidades e às experiências das mulheres com TEA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR: texto revisado.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=B_7yzwEACAAJ. Acesso em: 8 nov. 2026.

AUTISMO E REALIDADE. Camuflagem social no TEA: quando ser aceito parece exigir disfarces. **Autismo e Realidade,** 30 set. 2025. Disponível em: https://autismoerealidade.org.br/2025/09/30/camuflagem-social-no-tea-quando-ser-aceito-parece-exigir-disfarces/. Acesso em: 9 out. 2026.

BARGIELA, Sarah; STEWARD, Robyn; MANDY, William. The experiences of late-diagnosed women with autism spectrum conditions: an investigation of the female autism phenotype. **Journal of Autism and Developmental Disorders,** v. 46, n. 10, p. 3281-3294, 2016. DOI: https://doi.org/10.1007/s10803-016-2872-8. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27457364/.

CAPARROZ, Joelma; SOLDERA, Paulo Eduardo dos Santos. Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. **Open Minds International Journal,** v. 3, n. 1, 2022. DOI: https://doi.org/10.47180/omij.v3i1.142. Disponível em: https://openmindsjournal.com.br/.

CATANI, Marco et al. **Frontal networks in adults with autism spectrum disorder. Brain,** v. 139, n. 2, p. 616-630, 2016. DOI: https://doi.org/10.1093/brain/awv351. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26912520/.

COLOMÉ, Carolina Schmitt; DANTAS, Cândida Prates; ZAPPE, Jana Gonçalves. Dinâmica relacional das redes sociais significativas de mães de filhos com Transtorno do Espectro Autista. **Estudos e Pesquisas em Psicologia,** Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 607–628, 2023. DOI: https://doi.org/10.12957/epp.2023.77701. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/4518/451876089011/html/. Acesso em: 8 nov. 2026.

DANTAS, Jeanne dos Santos Oliveira Marques; MARQUES, Juliana Bittencourt. Avaliação neuropsicológica em mulheres com transtorno do espectro autista: fenótipo feminino do TEA. **In: Autismo: uma abordagem multiprofissional.** v. 3. [S. l.]: Editora Científica Digital, 2024. p. 7-28. DOI: https://doi.org/10.37885/240616902. Disponível em: https://www.editoracientifica.com.br/articles/code/240616902. Acesso em: 28 out. 2026.

DAWALT, Leann Smith; TAYLOR, Julie Lounds; MOVAGHAR, Arezoo; HONG, Jinkuk; KIM, Bryan; BRILLIANT, Murray; MAILICK, Marsha R.

Health profiles of adults with autism spectrum disorder: differences between women and men. **Autism Research,** v. 14, n. 9, p. 1896–1904, 2021. DOI: https://doi.org/10.1002/aur.2563. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34213066/. Acesso em: 8 nov. 2026.

GEELHAND, Philippine; BERNARD, Philippe; KLEIN, Olivier; VAN TIEL, Bob; KISSINE, Mikhail. The role of gender in the perception of autism symptom severity and future behavioral development. **Molecular Autism,** v. 10, art. 16, 2019. DOI: https://doi.org/10.1186/s13229-019-0266-4. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1186/s13229-019-0266-4. Acesso em: 8 nov. 2026.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético.** Einstein (São Paulo), v. 15, n. 2, p. 233-238, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/S1679-45082017RB4020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/eins/a/YMg4cNph3j7wfttqmKzYsst/?lang=pt. Acesso em: 28 out. 2026.

HORTA, Josenilma Aparecida Rodrigues; MOORE, Rafael Alberto. TEA no desenvolvimento humano: transformações ao longo do ciclo vital e implicações psicossociais na vida adulta. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada,** v. 12, n. 1, 2024. DOI: https://doi.org/10.22289/2446-922X.V12A1A28.

HOWLIN, Patricia; MOSS, Philippa. Adults with autism spectrum disorders. **The Canadian Journal of Psychiatry,** v. 57, n. 5, p. 275-283, 2012. DOI: https://doi.org/10.1177/070674371205700502. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22546059/.

KANNER, Leo. **Autistic disturbances of affective contact**. The Nervous Child, v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943. Disponível em:

https://neurodiversity.net/library_kanner_1943.pdf. Acesso em: 6 nov. 2026.

KOK, Francien M.; GROEN, Yvonne; BECKE, Miriam; FUERMAIER, Anselm B. M.; TUCHA, Oliver. Self-reported empathy in adult women with autism spectrum disorders: a systematic mini review. **PLOS ONE,** v. 11, n. 3, e0151568, 2016. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0151568. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26998928/.

LACROIX, Adeline et al. Disproportionate mental health risks in autistic females: a rapid review with quantitative and narrative syntheses. **Frontiers in Neuroendocrinology,** v. 80, art. 101229, 2026. DOI: https://doi.org/10.1016/j.yfrne.2025.101229. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/41401863/. Acesso em: 6 nov. 2026.

LAI, Meng-Chuan; BARON-COHEN, Simon; BUXBAUM, Joseph D. Understanding autism in the light of sex/gender. **Molecular Autism,** v. 6, art. 24, 2015. DOI: https://doi.org/10.1186/s13229-015-0021-4.

MARQUEZ, Isabela Barros. **A afetividade nas relações de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão narrativa de literatura.** 2024. Monografia (Especialização em Transtornos do Espectro Autista) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/761f8e7c-4dc4-4e9d-b6e2-2a233672a5af/content. Acesso em: 23 mar. 2026.

MENEIS, Miriam da Silva; LIMA, Louise Veronica Costa. O enfrentamento familiar nos cuidados da criança neurodivergente na segunda infância: um olhar dedicado à saúde mental da família:

uma revisão integrativa. **Revista Foco,** v. 18, n. 10, e10152, 2025. Disponível em: https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/10152/7246. Acesso em: 25 fev. 2026.

MENEZES, Michelle Zaíra Maciel. **O diagnóstico do transtorno do espectro autista na fase adulta.** 2020. Monografia (Especialização em Transtorno do Espectro do Autismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: https://hdl.handle.net/1843/35946. Acesso em: 8 nov. 2026.

MILNER, Victoria; McINTOSH, Hollie; COLVERT, Emma; HAPPÉ, Francesca. A qualitative exploration of the female experience of autism spectrum disorder (ASD). **Journal of Autism and Developmental Disorders,** v. 49, n. 6, p. 2389-2402, 2019. DOI: https://doi.org/10.1007/s10803-019-03906-4. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30790191/. Acesso em: 6 nov. 2026.

MILNER, Victoria; McINTOSH, Hollie; COLVERT, Emma; HAPPÉ, Francesca. A qualitative exploration of the female experience of autism spectrum disorder (ASD). **Journal of Autism and Developmental Disorders,** v. 49, p. 2389–2402, 2019. DOI: https://doi.org/10.1007/s10803-019-03906-4. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-019-03906-4. Acesso em: 8 nov. 2026.

ROGERS, Carl R.; KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva. Tradução de Maria Luisa Bizzotto.** Belo Horizonte: Interlivros, 1975. v. 1. Disponível em: https://pergamum.ufpel.edu.br/acervo/36160. Acesso em: 20 mar. 2026.

TEODORO, Gabriela Caporalini; SANTOS, Juliana Pinto dos. Efeitos do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em mulheres adultas. **Revista Unifev: Ciência & Tecnologia,** Votuporanga, v. 5, n. 2, p. 36-50, 2025. Disponível em: https://periodicos.unifev.edu.br/revistaunifev/article/view/2083. Acesso em: 6 nov. 2026.

---

[1] Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Educação Santa Terezinha – FEST, Imperatriz-MA. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Professora Especialista do Curso de Psicologia da Faculdade de Educação Santa Terezinha – FEST, ImperatrizMA. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail